

as Amoreiras novas; no que tambem se affemelhaõ ás cepas, porque estas daõ muito melhor vinho depois de alguns annos, do que na sua primeira idade. Porém muitos naõ fazendo caso desta maior bondade das folhas, de humas, e outras se valem para alimento de seus bichos.

VII.

Aos bichos da seda grande damno fazem as chuvas, porque até quando estaõ no auge do seu vigor, e no ultimo quartel da vida, comendo com mais vontade a folha molhada, lhes causa graves doenças. O remedio deste inconveniente he olhar para o Céu, e vendo que se dispoem para chover, colher folhas para dous, ou tres dias, e ainda sem ameaços de chuva, bom he ter provisãõ de folha para dous, ou tres dias; quanto mais, que a folha immediatamente depois de colhida, naõ he para este gado taõ bom mantimento, como nove, ou dez ho-
ras

VIII.

Assim como não convem meter bacello, nem plantar vinha, sem ter lugar bem preparado em boa adega, com boas vasilhas para o vinho; assim para fazer boa criação de bichos da seda, he necessario ter boas cazas, commodas, alegres, quentes no Inverno, frescas no Estio, e muito limpas; porque são animaes, que não sofrem immundicias, nem maos cheiros; e para os preservar de nocivas humidades, he necessario assentar os taboados tres, ou quatro palmos mais alto que o chaõ: as parteleiras não he bem que cheguem até perto das telhas, porque receberiaõ os bichos grande damno dos ventos, dos frios, e do muito calor, que entre as ripas, e o tecto poderia penetrar, e descompor o seu assento. Em huma casa de sete toezas de comprido, tres de largo, e duas de alto, se podem cómodamente cri-

criar os bichos, que sahirem de dez onças de semente. Cada toeza (como já temos dito) he huma medida de seis pés, dos que chamaõ regios, cada pé de doze polegadas. Na quinta onde não houver cazas desta capacidade, não he razaõ, que o gasto deste accrescentamento defanime o dono; ponha elle os olhos no proveito, que com o tempo poderá resultar; e considere, que passado o tempo da criaçaõ dos bichos, que quando muito poderá chegar a tres mezes, no restante do anno, poderá o dito edificio servir de casa para hospedes, ou de receptaculo de fato de caza, e outras coizas mais de seu gosto. Aqui he necessario advertir, que as paredes da caza dos bichos devem ser bem rebocadas, e taõ lizas, que por ellas não possaõ trepar os ratos, e as taboas taõ juntas, que entre ellas não possaõ fazer ninhos; e para a caza ser bem arejada, ha de ter as janelas

op-

oppostas, e fronteiras humas ás outras, as do Nascente defronte das do Poente, e as do Sul defronte das do Norte; e todas ellas haõ de ter boas vidraças, defensivas do frio, e muito claras, porque he insecto muito amigo da claridade.

IX.

Do pavimento, ou do assola-
lhado até o tecto, em pilares de
madeira, quadrados, equidistantes,
e afastados da parede para a passa-
gem de quem deita a folha, prega-
rão huns barrotes pequenos, em que
descansarão as taboas com differente
largura, começando do chaõ as ma-
iores, e sempre subindo com largu-
ra de tres, ou quatro dedos, huma
menos que outra; de sorte, que no
lugar mais baixo fique a taboa mais
larga, e no superior a mais estreita,
que assim os bichos andando pelas
bordãs em busca de lugar para vo-
mitar a seda, naõ poderão cahir no
chaõ. O assento pois de cada andar
ha

ha de ter largura sufficiente, para de cada banda chegar á metade delle. Supposta a menor largura successiva das taboas até a mais alta, todas irão subindo pyramidalmente, e haverá escadas de mão para chegar ás mais altas, e pensar commodamente o gado, ficando os pilares, ou pés direitos, tão firmes, que nem ao arri-mo das escadas se abalem, nem com o pezo de huma grande criação ver-guem as taboas, como á alguns pro-fessores desta arte tem succedido.

X.

De toda a semente dos bichos querem muitos, que a de Castella, vindo em direitura, seja a melhor: he delgadinha, de cor atanada escura; e guardada, se faz mais grossa, e pardinha. Porém nem de todos os Reynos de Hespanha he igualmente boa. A' imitação pois dos bons Lavradores, de quatro em quatro annos pouco mais, ou menos, segundo a experiencia, he neces-

cessario mudar de semente. Para isto se fazer mais seguramente, cada anno se mandarão vir de Castella algumas onças della, a qual posta de parte, se conservará com cuidado, segundo o merecer o seu valor. Não façais provisão de semente velha; a que passa de hum anno, não presta. Esta semente, ainda que a seu tempo se abra, ha embusteiros, que conservaõ muito tempo a que não podéraõ vender; deitaõ-na em frascos de vidro, e os poem em lugar fresco, ou em póços profundos os tem suspensos com cordas á flor d'agua; e assim preservada das grandes calmas, a vendem aos que não conhecendo o engano, a compraõ.

XI.

Trazer a semente dos bichos no fovaco, ou no seio, como fazem algumas mulheres para os chocar, tem seu perigo, não só por causa das suas evacuaçoens mēstruas, mas tambem por causa do movimento, e
agi-

agitação da pessoa que a traz, e a cada passo a revolve, e estorva os bichos, que misturados huns com outros, se perturbão, e querendo sahir, não podem. O mais seguro he deitar a semente em caixas de pao, forradas de papel, e este grudado pelas commissuras, ou juntas, para nenhuma das sementes sahir, nem pó, nem bichinho algum de fóra poder entrar. As ditas caixas se guardarão em arcas entre panos de lãa, ou algodão, e não de linho, pela sua grande frescura, nociva ao bicho: por este modo sem humidade, nem frialdade alguma, como succederia, se (o que fazem alguns) a guardassem em vidros, cujo ambiente fresco poderia dilatar o choco. Em dias de grande frio, ou de muita humidade accendem alguns fogueiras nas cazas onde o bicho se cria. Por isso convem mandar vir de Castella a semente por terra, e não por mar; no Verao, e não no Inverno, nem

no

no Outono. Sobre o forro de papel se grudaráo humas estopas muito finas, e ficarão cobertas de hum papel, em que estará a semente, e o papel será miudamente furado a modo de crivo, e os furos capazes só de hum grão de milho miudo: sahindo pois dos seus ovos os bichos, passarão por dentro das estopas, e juntamente pelo papel furado, deixadas as cascas debaixo das estopas, e logo se pegaráo á folha da Amoreira, posta para este effeito sobre o papel furado, do qual serãõ tirados, e levados para o taboleiro.

XII.

Muito ajudará o choco o ter sempre as ditas caixas entre almofadinhas de frouxel, com o moderado calor de hum esquentador. Até de noite, de duas em duas horas, serãõ visitadas para tirar os bichinhos ao mesmo passo, que vierem sahindo. Estas frequentes visitas são precisas, para com a continuação do

es-

esquentador conservar a semente com calor sempre igual; como tambem para evitar a ruina dos bichos, se os deixarem esfriar. Os primeiros quatro, ou cinco dias principalmente, he necessario procurar, que não sintão frio algum; pelo que os terãõ em huma cазinha bem fechada, sobre taboas muito limpas, para darem principio á sua obra, e chegados huns aos outros, conservarãõ seu calor natural, até que depois de maiores se lhes dê outro aposento mais largo, e os irãõ ajuntando, não confusamente, mas segando os dias do seu nascimento; porque com esta ordem andarãõ unidos, e conformes em todas as mais operaçoens, dormindo, comendo, e fiando, sem os velhos inquietarem os novos, e com a differença dos seus movimentos, e acçoens confundir a obra, e impossibilitar o bom successo que se espera. Em lugar de cri-vos, e caixas grandes, de que al-

gu-

gumas naçoens ufaõ, os Castelhãnos se valem de huns vasos a que elles chamaõ *Garbilhos*; fazem-nos com palha, vimes, juncos, e outra materia muito leve, e por dentro os rebocaõ, e barraõ com bofta de vaca, que defecada ao sol, communica aos vasos hum cheiro agradavel aos bichos, e hum calor sufficiente para confervallos até á terceira muda.

XIII.

De mais das quatro mudas, que faõ outras tantas doenças, tem os bichos outras enfermidades, cujo remedio he tirar-lhes o comer quando o naõ tomaõ, e quando se vê que o naõ apetezem, dar-lho com moderação, sustentando-os sempre com folha boa, e limpa. O final da primeira muda apparece na cabeça, porque vai inchando, e este he o lugar por onde começaõ a despir a pelle; mas pela miudeza da bestinha, este final he quasi imperceptivel. Em quanto estaõ dormindo naõ se lhe ha-

hade dar de comer ; só se lhe deitarão algumas folhas , para alimentar os que entre os dormentes vigiaõ ; e estes seraõ separados dos outros para se ajuntarem com os q̃ tem a mesma idade. Desde o seu nascimento até a segunda muda , duas vezes no dia , a saber , pela manhã , e á boca da noite se dará de comer aos bichos. Da segunda pois até a quarta muda , (que he a ultima) e desta até o fim da vida , lhe daraõ de comer quatro , cinco , e seis vezes se o aceitarem ; porque naquelle estado naõ convem medir-lhe o seu sustento , mas para obri-gallos a acabar a obra , ministrarlho largamente.

XIV.

Hum dos mais importantes requizitos para a criaçaõ dos bichos da seda , he dar-lhe folha que corresponda á sua idade ; folha nova quando saõ novos , e folha mais forte ao mesmo passo que forem crescendo.

cendo. Pela desigualdade da folha com a idade, são pessimos os renovos das Amoreiras desfolhadas; basta hum pasto dellas para cauzar-lhes hum mortal fluxo de ventre; porque da delicadeza deste novo, e mais tenro alimento he o nosso bicho taõ golozo, que se ceva nel-
 le até rebentar. Nas terras do Norte, ao homem, por cuja conta corre o governo dos bichos, se encõmen-
 da, que pela manhã, antes de entrar na caza da criação, beba huma gota de bom vinho; porque bafejando a caza, e cõmunicando o cheiro deste licor ao gado, o preserva do dano que lhe poderiaõ cauzar os que tem máo bafo.

XV.

Todos os dias se varrerá a dita caza, e muitas vezes será necessario regar, ou borrifar o chaõ com vinagre, e logo cobrillo com ervas de bom cheiro, como v. g. alfazema, alecrim, tomilho, rosmaninho, serpol,

pol, ou (como lhe chamaõ outros) serpilllo, ouregaõ &c., e ás vezes se perfumará a caza com incenso, beijoim, estoraque, e outras drogas odoríferas sobre brazas. Por esta mesma razão frequentemente se alimparáõ as taboas, por não ficar o gado muito tempo sobre a mesma cama, que de tres em tres, ou de quatro em quatro dias se tirará depois da segunda muda, principalmente em dias calmosos; elles em tempos frios nas suas camas se agalhaõ com gosto, e com utilidade. Quando improvizamente se levantãõ ventos rijos, e frios, he necessario fechar logo todas as portas, e janellas, tapar todas as gretas, e em varias partes da caza ter fogareiros com brazas.

XVI.

Do asco que alguns tem tomado aos bichos, he cauza a perguiça, e desmazelo de quem os governa. Das pellesinhas dos seus despojos nas

mudas, que ficam nos sobejos da folha roída, procede algum mau cheiro. Porém o seu proprio excremento não cheira mal. He insecto nobre, que trabalha para a nobreza. Para os que com cuidado tratao d'elle, tem sua fragancia. Em Veneza he tido por tao fidalgo, que communmente lhe chamao *Cavaliere*.

XVII.

Na extremidade de cada estante haverá hum espaço vazio para transportar os bichos, e deitallos na folha, sem tocar nelles, descobrindo-se, e tornando-se a cobrir alternadamente; e quasi no mesmo tempo as taboas das estantes, que se tirarao do seu lugar, se esfregarao, e sacudirao, dando com ellas no chaõ, para expellir toda a immundicia; e lavadas com vinagre, ou com vinho, se tornarao a pôr no seu lugar; mudança, que causará ao gado não pequeno contentamento.

XVIII.

Como for o bicho crescendo, e occupando mais lugar, serãõ precizas taboas de sobrecellente, para o agazalhar com mais cômodo; porque tem mostrado a experiencia, q̃ poucos bichos criados á larga, daõ mais feda do que muitos juntos em lugar estreito.

XIX.

Aos dous excessos do frio, e do calor se acudirá por este modo. Para remediar o frio, fechem-se (como já fica dito) todas as portas, e janellas, e até as gretas por onde se póde infnuar algum vento coado. Aos perfumes do incenso, e outras materias accrescentaõ alguns toucinhos, e bocados de falsichoës: vinho bom, bom vinagre, e agua ardente tambem aliviaõ, e alentaõ muito estes animaes, depois de resfriados. Abrandaráõ o calor as portas, e janellas abertas, arejando as cazas, e passando por ellas o vento. Naõ

sendo as cazas bem situadas , e dispostas para este fim , meia hora antes de nascer o Sol , se levaráõ os bichos em taboleiros a tomar ar aquelle espaço de tempo. Para os que se demaziaraõ no comer , o verdadeiro remedio he dieta. Hum par de dias lhes naõ daraõ de comer ; passados elles se lhes dará pasto moderado , e pouco cada vez , na fórma que se faz a pessoas muito debilitadas , e exhaustas de forças por huma grande inédia.

XX.

Os que tiverem á sua conta esta criação , tambem vigiaráõ parte da noite , para acudir a tudo ; e affugentaráõ com chocalhos , e campainhas ratos , e gatos , grandes destruidores deste gado , por lhe saber bem. Se andarem com candieiros , saibaõ , que huma gota de azeite póde fazer grande damno pelas doenças q̃ cauza. Tenhaõ os candieiros pendurados nas paredes , e sendo pre-
ci-

ciza maior luz, com vélas de cebo, ou cera corraõ os taboleiros.

XXI.

Dez, ou doze dias depois da sua ultima muda, ou doença, que assim lhe podem chamar, pelo que nella mais que nas outras mudas padecem, começará o gado a dispor-se para compensar os gastos da sua criação. Entre tanto irá a gente cortando ramos de varios arbutos, v. g. giesta, alecrim, videiras, renovos de castanheiros, carvalhos, salgueiros, e outras varinhas flexiveis, que não tenhaõ máo cheiro, e as encostraráõ em pé nas estantes, em distancia de palmo, e quarto huns dos outros; e assim as estantes com diferentes sobrados, e arcos mais altos huns que outros, formarão huma especie de amfitheatro verde agradavel á vista.

XXII.

Passado para outras taboas o bicho, não o mudarão mais de lugar, nem

nem de cama. Entaõ se lhe dará de comer com abundancia , até que comece a encaminhar-se para os ramos; o que primeiro se conhecerá quando o virem andar vagando , e correndo , sem fazer cazo de comer ; e depois começarão a subir pelos pés dos ramos , para ir fiar a seda. Aos que ainda não chegaraõ a subir se lhes diminuirá o comer, e depois lhes não daraõ mais coiza alguma , para obrigallos a enramar-se : e finalmente tirados os outros das taboas , só ficarão os perguiçosos , e tardíos , dos quaes se fará pouco cazo , como tambem da sua semente ; porém não deixarão de ajuntallos todos em huma taboa , e nella dar-lhes de comer até o fim.

XXIII.

Gastaõ os bichos dous , ou tres dias em fazer , e perfazer os seus casulos ; isto se conhece applicando o ouvido muito perto , que assim como fazem hum certo ruido quando

ef-

estão comendo, assim no tempo que
formaõ a sua cazinha, se ouve hum
brando estrépito, ou estridor, que,
depois de formada, acaba. Aquelles
que querem que estes bichos tenhaõ
olhos, dizem que os machos tem
humas como pintas mais negras q̃
as femeas, as quaes no mesmo lu-
gar tem huns sinaes, ou fios muito
delgados. Na cor de huns, e ou-
tros se conhece quando querem fiar
a sua seda; o corpo se lhe faz diá-
fano, e transparente a modo de ba-
gos de uvas, que começaõ a pintar.
Neste estado se conhece a cor que a
seda hade ter, se amarella, ou de
laranja, se encarnada, branca, ou
verde, que saõ as cinco cores da
seda. Da maior parte da semente de
Castella sahem bichos brancos; e sen-
do a semente daquelle clima melhor
que a de qualquer outro, maior esti-
mação merece a branca, do que a
negra, parda, ou de outra cor. Na
Relação da sua viagem pela Persia
liv.

liv. 2. fol. 294. diz Thomas Herbert, que a seda que os bichos fazem, toma a cor daquella que lhe poem diante, branca, amarella, verde, parda, &c.

XXIV.

Os cazulos com borboletas machos são delgados, e compridinhos; os que tem femeas são grossos, e barrigudos, e nos cabos mais agudos em hum do que no outro a modo de ovos. Os cazulos depois de escolhidos, serão enfiados, não já de parte a parte, porque nelles entraria o vento, e ficariaõ inuteis, mas passando a agulha pelo barbilho, na superficie; e delles se faraõ humas como contas, ou cadeas com numero igual de machos, e femeas; e será necessario deixallos dependurados de tornos em caza, antes fresca q̃ quente, mas seca. Em sahindo dos seus cazulos machos, e femeas será precizo chegarlos, e ajuntallos para o intento, posto que ordinariamente

naõ

naõ se fazem rogar para esta funçaõ. Depois de ajuntallos , os levarãõ a ultima vez a descansar em huma meza sobre folhas de nogueira , onde as femeas deitarãõ a femente , e com facilidade tirarãõ as borboletas ; porque como as ditas folhas brevemente se fecaõ , e leva o vento o pó que ficou , fica a femente, que he o que entãõ se busca.

XXV.

Segundo o parecer de alguns , naõ acertaõ os que para colher a femente , deitaõ a borboleta sobre papel , porque do papel naõ póde ser tirada sem raspallo com faca , e com o raspar muita se quebra , e se málogra. Outros poem as borboletas sobre panos de linho ; de acerto maior que o primeiro ; porque a femente se pega muito , e para se tirar do pano , muita se perde : e he este hum damno , que se naõ póde evitar senaõ guardando o pano de linho até a Primavera, e entãõ aquen-
tar

tar as borboletas, para fazer sahir a semente, e tomar della os bichos para a seda. Os que seguem este effilo, não podem fazer a prova do linho, nem tomar o pezo á semente, para saber a quantidade dos bichos, que a pessoa quer criar; o que póde cauzar confuzão para o sustento. Finalmente, nem a folha de nogueira, nem o papel, nem o pano de linho são taõ aptos para receber a semente, quando sahe da borboleta, como chamalote, ou o pano, que os Francezes chamaõ *Burate*, que (se me não engano) he huma especie de burel: porque das ditas materias, a semente, aindaque bem pegada, póde ser tirada sem violencia, esfregando brandaméte com as maõs o chamalote, ou o dito pano *Burate*.

XXVI.

A exposiçaõ dos cazulos ao sol para matar a borboleta, e não ficar queimada a seda, se fará na fórma seguinte. Tres, ou quatro vezes,
em

em diferentes tempos, serão os cazulos expostos ao sol, cada vez por espaço de duas horas antes do meio dia, e outras duas horas depois do meio dia, paraque o grande calor desta parte do dia abafe os bichos primeiro que passem a borboletas; o que succederá espalhando os cazulos em lançoes, e revolvendo-os muitas vezes brandamente, paraque todos sem excepção sintão o ardor do Sol. Depois disto, embrulhados nos lançoes, serão levados a huma caza fresca, e não a huma humida adega (como erradamente fazem alguns) e se for o ceo nublado, e coberto (como muitas vezes succede) será preciso recorrer ao forno, moderadamente quente, e com o gráo de calor que lhe fica, duas horas depois de tirado o paõ.

Deixo em silencio muitas outras observações, e regras, importantes para a perfeição desta arte, porque aos pays de familias ociosos,

zos , todo o primor della parecerá impertinencia , como antigamente parecia a alguns dos nossos antepassados , quando ouviaõ praticar sobre a lavoura dos campos , cultura das oliveiras , e outras artes , e leis campestres , necessarias para o trato da vida humana. Ainda hoje, se não tiveramos homens rusticos , e vinha-teiros experimentados , que de pays em filhos se applicáraõ , e aperfeiçoáraõ na cultura das vinhas , a muitos pareceria ou impertinencia , ou impossivel a observancia das muitas leys a que obriga este tão proveitozo , e necessario exercicio. Só para ouvir algumas dellas , muitos dos mais fizudos da nossa corte não haviaõ de ter paciencia. Sem exemplo não se comprehende bem esta verdade. Supponho q̃ estou na quinta de hum amigo dezejezo de plantar huma vinha , e para o animar a emprender tão boa obra lhe digo : Elle vai amigo , nesta empreza pa-
ra

ra começar , e acabar bem as principaes instruções faõ estas :

Escolher a terra em que haveis de plantar a vinha ; que naõ seja nem crua , nem humida , nem seca , nem esquentadiça , nem fria , nem esteril , nem muito pingue : alimpalla de todo o mato , e cercalla , ou de vallados , ou de muro , ou de silvas , ou de outro tapamento para a livrar da invazaõ , e insulto dos gados.

Considerar se o bacello hade ser posto de covatos , indireitando a terra , ou de elfa com profundidade , ou a rego do arado , em varges , e planicies ; arrendar o bacello depois de posto , cavallo de arrebentar , e se for rallo retanchalo.

Naõ plantar o bacello de uvas boas babozas , porque mostraõ boa novidade , mas naõ daõ como o boal pardo , e o boal cachudo , e o boal branco , que em toda a terra bellamente frutificaõ. Escolher os bacellos de melhores castas , cujas quali-
da-

dades se proporcionão com as das terras, e que sejaõ novos, e grossos, e naõ famintos, porque estes naõ brotaõ com valentia.

Saber de Astronomia para observar as Luas em que se hade plantar a vinha; humas no crescente da lua de Janeiro, e outras no crescente da lua de Fevereiro; algumas no crescente da lua de Março, e outras no crescente da lua de Abril, ou de Mayo; tambem nas podas há mister sciencia Astronomica; nas vinhas altas de pouca sustancia, podar no ultimo quarto da lua, nas outras vinhas, postas em outras terras, geralmente podar nos outros quartos da lua, assim minguate como crescente.

Naõ mudar facilmente ás vinhas seus sitios naturaes; porque na mudança muitas ou naõ produzem, ou degeneraõ, por ser contrario o clima, e tirar-lhe a propria virtude.

Naõ plantar arvores nas vinhas,
par-

particularmente oliveiras, nem figueiras, nem nos vallados dellas arvores agrestes, como sobros, carvalhos, ulmos, pinheiros, porque estendem as raizes mais que as arvores fructiferas, e com ellas absorvem o suco da terra; e aindaq̃ pelas margens se possaõ criar algumas arvores, que não fazem grande sombra, nem criaõ muitas raizes ao largo, como saõ pereiras, não haõ de ser das que daõ peras flamengas, e bojardas.

Escavar as sepas para receber melhor a nata da terra, q̃ as agoas do inverno lhe trazem ao pé, e juntamente para com a escava tirar-lhe o escalracho que pelo pé as damnicifica.

Quantos, e quaõ diversos requizitos tem o amanho da poda? Em terras altas fazer a poda de forte, que a vinha ande baixa; em terras baixas, podar as vinhas em altura, paraque não chegue a novida-

dade ao chaõ, e para mais perfeita maduraçaõ das uvas. Dar o podador os golpes de maneira, que naõ se-jaõ nem redondos, nem direitos, mas de foslayo, por lhe naõ cahir em sima aguas, e geada, que offende a cepa, e cauza peço. Saber o podador distinguir as cepas, q̃ querem a vara comprida das que a querem curta, e dar o corte maior, ou menor, segundo a força, ou fraqueza da vinha.

Remediar os damnos das secas, ou da humidade, levantando as cepas com forcados, paraque naõ varra a novidade o chaõ.

Amarrar a vara ao tronco para emparar a videira á máy, ou fazer a empa estando a vinha arrebetada, a que chamaõ empar de crista de gallo.

Com a empa ao páo, ou cana sustentar as cepas, para defendellas das tempestades, ajudando-se tambem ellas com as prizoës dos ellos,
que

que a natureza lhes deu, para livrar-se da violenta agitação dos ventos.

Segundo as qualidades das terras, fazer em differentes tempos cavas temporãs, meãs, ou ferôdias, e não fazellas em quanto chove; porque a terra abetumada, e calcada da chuva, não se póde aproveitar da humidade, nem fica bem penetrada do sol.

Descarnar em altura de tres palmos as sepas tombadas, e fazer-lhes huma cova com a largura de cinco palmos de huma á outra, e não deixar em cada huma mais de cinco até seis pontas de vide, porque carregadas não medraõ.

Em terras baixas, e humidas não pôr bacellos de castas mimosas; porque não esperaõ para a vindima, e antes q̃ as outras amadureçaõ, apodrecem.

Emendar com enxertias os erros, e dãos, que ás vezes nas posturas dos bacellos se não podem prevenir.

O

Tan-

Tanto q̃ a novidade estiver nascida , mandar esladroar a vinha ; e quinze , ou vinte dias antes da vindima , mandalla esfolhar , para tomar com o calor do sol perfeita maduração.

Buscar remedios para as enfermidades das vinhas , e applicallos a seu tempo para chegar a fazer boa vindima.

Com tantas , e taõ primorozas industrias , ainda naõ temos vinho , que he o alvo , e a cauza final de mil outras diligencias , cautelas , e artificios muito mais laboriozos, dilatados , e custozos , do que a applicação , trabalho , e vigilancia para a cultura das Amoreiras , e criação dos Bichos da seda; que se para o proveito , e abundancia deste genero ha mister cazas compridas , com muitas mezas , taboas , taboleiros , e estantes de varios andares ; tambem para pizar uvas lagares , e para recolher vinho , saõ precisas muitas castas de

de vazilhas, dornas, cubas, tinas, pipas, toneis, em grandes adegas, distantes de estribarias, e monturos, e separadas de todo o mau cheiro.

Hum das razoes de estar neste Reino a cultura das vinhas, e a fabrica dos vinhos em altura, e reputação tão superior as fabricas da seda, he, que em todas as nossas terras onde ha vinhas, temos homens exercitados na cultura dellas, e tão peritos nella, que os donos, fiados na sua industria e sciencia, experimentação, e logro utilidades dignas do trabalho, e despeza.

Se no tempo que em Portugal os nacionaes plantaraõ vinhas, lavraraõ terras de paõ, e cultivaraõ oliveiras, tivera o zelo do bem publico introduzido manufacturas de seda, seria hoje esta arte tão facil aos Portuguezes, como de muitos annos o he a muitas naçoens, que com ella honradamente se enriquecem. Pois porque os nossos antigos, ou mal in-

formados, ou pouco curiozos, não tiverão este cuidado, havemos de persistir em receber os damnos, que desta voluntaria inercia nos resulta?

A esta queixoza pergunta já deraõ alguns huma resposta tão barbara, que atropelando a razaõ, e desprezando a conveniencia cegamente disseraõ: Cada terra com seu costume. Que seria hoje do Mundo, se com o tempo não admitira cada nação novos costumes? Não ouvera hoje relogio no Mundo; porque antes de El-Rey Achab, e de Berofo Caldeo não costumavaõ os homens distinguir com artificio as horas, e medir com sciencia o tempo. Em muitas terras, antes de Dromeo Stimphalio, que ensinou a cozer as carnes, todo o conduto era queijo; e so depois do diluvio costumaraõ os homens beber vinho. Antes dos Lydios inventores dos jogos na Grecia, não costumavaõ os Romanos recrear com festivos espectaculos o Povo. Antes
do

do invento da Impressão, não costumavaõ os doutos publicar, e eternizar com facilidade os seus escritos. Nos seculos passados, em muitas partes do mundo, costumavaõ os homens viver em cavernas como feras; lembrados de que eraõ homens, introduziraõ o costume de fabricar cazas, e edificar Cidades.

Se nos tivera a antiguidade deixado memorias de todos os costumes, que insensivelmente foraõ admitidos em todos os Reinos, e Povoacoens do Mundo, em todas ellas successivamente se achariaõ costumes não só diversos, mas taõ contrarios, e opostos huns aos outros, como em seus diferentes climas, os Amphiscios aos Heteroscios, e aos seus Antípodas os Europeos.

Por não cançar o Leitor com o Catalogo de costumes, novos, crueis, exterminadores de costumes inveterados; basta, q̃ comparemos Portugal o novo com o antigo: porq̃ se re-
su-

fucitassem os Velhos, para se fazer esta confrontação, não se reconheceria Portugal antigo na transformada, e transfigurada imagem de Portugal o novo. No trage de seus netos estranhariaõ os avós a extravagancia da mudança, nos seus antigos retratos tacitamente condenada.

Quantas modas tem introduzido a galantaria no Paço! quantos guizados tem inventado a delicadeza do gosto! Mas quem se pode offender de novidades, que não offendem o decoro, e podem ser uteis ao Reyno?

Muitas artes, ignoradas dos antigos, daõ hoje de comer a muitos modernos. Por muitas dentadas, que queria dar em muitos costumes novos, não tem onde pegar a mordacidade da Critica. Em Portugal degeneráraõ em côtos as espadas da marca; por isso são menos valentes os Portuguezes deste tempo? Rapáraõ os Portuguezes as barbas, e enthronizáraõ as cabeleiras: por ventura dá
mais

mais juízo o cabêlo proprio, que o alheio? De barba a barba, honra se cata; poreim mais honra ha, que a barba. Reynáraõ os guardinfantes; triunfaõ os donayres: luxo taõ chegado aos pés, se dispoem a ser pizado. Em outros muitos costumes, que com o andar do tempo se foraõ introduzindo em Portugal, se pode achar alguma boa qualidade, para justificar a sua introduçaõ. E assim tornando ao que ja temos dito, naõ teve razaõ, quem para excluir deste Reyno as manufacturas da seda, se valêo do adagio Cada terra com seo costume.

Naõ ha duvida, que ha costumes taõ naturalizados, ou taõ naturaes, que geralmente em toda a parte, e particularmente em algumas partes necessariamente reinaõ. Em toda a parte se costuma comer, quando ha com que matar a fome; e naõ se costuma comer quando falta a vontade. Toda a pessoa gravemente enferma costuma chamar Medico; naõ costuma

ma

ma consultar medicos, quem boa fau-
de logra.

Os costumes, que particularmen-
te em algumas terras se guardaõ, faõ
os que dependem da qualidade do
clima, ou das Leys fundamentaes
da Monarchia. Na Moscovia, e em
outras terras septentrionaes, naõ
femeaõ como nós no inverno, porque
os grandes frios extinguiriaõ a vir-
tude da sementeira; semeaõ no mês
de Abril, e no mês de Julho recolhem
como nós, porque com o compri-
mento dos dias daquelle clima, se
compensa o dilatado tempo, em q̃ no
nosso clima fica debaixo da terra a
sementeira. No Reyno de França,
exclue a ley Sálica as femeas da suc-
cessaõ das corôas; porq̃ da successaõ do
sexo feminino naõ devem os France-
zes esperar bom successo.

Deste genero de costumes, fun-
dados na diversidade de climas, ou
no genio, e natureza dos Povos,
se deve entender o adagio Cada ter-

ra com seu costume: porque são costumes, cuja inobservancia pode ocasionar ruinas; mas costume, que manifestamente serve para exercitar a industria, e accrescentar a fazenda, costume que desterra o ocio, e enobrece o commercio, por que razão ha de ser excluido, quando as mais bem governadas naçoens do Mundo se aproveitaõ d'elle, e com seu exemplo o authorizaõ?

Para homens de juizo, e zelozos do bem commum, bastaõ, e sobejaõ estas razoens para mostrar a importancia da cultura das Amoreiras, e criação dos bichos da seda em Portugal. Aos ricos, e aos pobres póde aproveitar esta cultura, e esta criação: aos ricos, e senhores de terras, se plantarem nellas muitas destas arvores, e fizerem cazas para o agazalho deste gado; aos pobres, porque na mais ocioza parte do anno teraõ com que se occupar em colher a folha, em fiar, e dobar a seda, e naõ

fó

fó a alheia, mas tambem propria, se com uniformidade das suas cazas criarem bichos, e delles tirarem leda para a vender, e lucrar o necessario, ou parte della para os gastos da caza.

Esta he para todo o genero de pessoas de huma nobre, e proveitoza Economica. Com huns bichinhos, e humas folhas póde fazer de muitas cazas a riqueza. He huma agricultura, com que no espaço de tres mezes se faz a colheita. He negocio, com que sem correr mares, e arriscar vidas, sem embarcar mercancias, nem esperar por retornos, na propria caza com os domesticos se trata. He huma mecânica, sem a qual não poderia trajar a nobreza, nem com mil castas de paramentos luzir a Igreja. He huma fabrica, que cada morador, sem porta, nem janelas, faz no ar huma caza, em que certos dias se agazalha: he huma vindima, cujos obreiros deixaõ aos donos o fruto, e se

con-

contentaõ com folhas. He officina, em que os officiaes naturalmente faõ Tecelães, e a seu tempo de dia, e de noute trabalhaõ. He huma feira, em que só hum genero tem sahida, e em todas as cazas tem entrada. Finalmente he huma mina de ouro em fio, e taõ rica, que seu preço tem tudo o que della se tira. Estas faõ as razoens para conveniencia: vamos dando motivos para a maravilha.

O Bicho da seda he o objecto de mil admiraçoens digno. He hum artifice taõ industrioço, que sem pés, nem mãos, sem compasso, sem martello, sem outro algum instrumento manual faz hum apozento, que juntamente lhe serve de cubículo, onde se recolhe; de leito onde dorme; e de sepultura onde jaz; de berço onde renasce; de ninho onde se empena, de carro triumphal donde sahe vitorioço a propagar, e a eternizar a prole. Naõ dá vozes, nem sabe cantar, e he amigo de muzica; ainda que bons
chei-

cheiros o recreyaõ, por flores naõ se mata; morre por comer folhas, e sem ellas morre; da limpeza sempre amigo, naõ se suja quando se baba. Nascido para trabalhar, naõ descansa quando obra, e ás escuras obra bem; e quanto mais se occulta, mais avulta a sua obra; com sua propria sustancia trabalha; e quando trabalha naõ come, nem sabe para quem trabalha; da sua prizaõ sahe mais ayrozo, e da sua sepultura mais vivo, porque de reptil, volatil feito: mas que breves saõ os seus brios! Só no fim da vida vòã,

F I M.









